

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v17i33.19777>

DE AVÔ PARA PAI, DE PAI PARA FILHO: TRADIÇÃO E MEMÓRIAS DOS VAQUEIROS DE ELESBÃO VELOSO, PIAUÍ, NORDESTE DO BRASIL

Maria Helena Alves Ferreira

Universidade Federal do Piauí

E-mail: mariahferreiracc@gmail.com**Nilsângela Cardoso Lima**

Universidade Federal do Piauí

E-mail: nilsangelacardoso@ufpi.edu.br

Resumo

O presente trabalho tem por interesse analisar as mudanças e as permanências nas práticas dos vaqueiros da cidade de Elesbão Veloso, Piauí, Nordeste do Brasil, no final do século XX e início do século XXI através de fragmentos de memórias. Nesse sentido, utiliza-se a metodologia da História Oral (Freitas, 2006) e o conceito de memória (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992), para compreender as culturas, as representações e as identidades dos sertanejos que lidam com o gado e continuam mantendo vivas algumas das tradições do vaqueiro no Piauí. Afinal, desde o processo de ocupação dos Sertões de Dentro, no Piauí, a participação do vaqueiro foi fulcral para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural da região dominada pela pecuária extensiva. Mesmo com a chegada das novas tecnologias na contemporaneidade, verifica-se que algumas práticas permanecem sendo perpetuadas pelos vaqueiros de Elesbão Veloso-PI através da memória, da cultura da vaquejada e do cotidiano social dos sertanejos que lidam com o gado.

Palavras-chave: Memória; Vaqueiro; Piauí.

FROM GRANDFATHER TO FATHER, FROM FATHER TO SON: THE TRADITION AND MEMORY OF VAQUEIROS IN ELESBÃO VELOSO, PIAUÍ, NORTHEAST OF BRAZIL

Abstract

This work aims to analyze the changes and continuities in the practices of vaqueiros (cowboys) in the city of Elesbão Veloso, Piauí, Northeast of Brazil, at the end of the 20th century and the beginning of the 21st century through fragments of memories. In this regard, it employs the methodology of Oral History (Freitas, 2006) and the concept of memory (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992) to understand the cultures, representations, and identities of the rural people who deal with cattle and continue to keep

some of the vaqueiro traditions alive in Piauí. After all, since the colonization of the Sertões de Dentro (hinterlands) in Piauí, the participation of vaqueiros has been pivotal for the social, economic, political, and cultural development of the region dominated by extensive livestock farming. Even with the advent of new technologies in contemporary times, it can be observed that some practices are still perpetuated by the vaqueiros of Elesbão Veloso, Piauí, through memory, culture of vaquejada and the social daily life of the rural people who work with cattle.

Keywords: Memory; Vaqueiro; Piauí.

Introdução

A formação social, política, econômica e cultural do Piauí tem como legado o processo de colonização dos "Sertões de Dentro" através da ocupação das terras para o cultivo do gado no final do século XVII. A partir de então, inicia a estruturação de uma sociedade colonial majoritariamente masculina e centrífuga com as incursões e invasões realizadas nas terras, até então, indígenas (Dias, 2006). Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Sertão, apontados como os primeiros a explorar a região, de população transitória no período, fundam as primeiras fazendas do Piauí.

As fazendas de gado foram instaladas em áreas dilatadas e requeriam determinados cuidados. Na maioria das vezes, os donos dessas propriedades elegiam um vaqueiro como administrador das terras e do gado, optando em fixar moradia no litoral devido à precária estrutura das unidades produtivas e o clima/vegetação da região considerado/a hostil (Mott, 1985). A figura do vaqueiro nas terras do Piauí desponta, portanto, diante da exígua presença desses fazendeiros, especialmente no período colonial, e da necessidade de um indivíduo que possuísse a aptidão para conduzir e realizar as atividades exigidas na pecuária extensiva.

Concernia ao vaqueiro o amansamento do gado, a ferragem, a apartação, a abertura dos caminhos para bebedouros e os cuidados físicos, desde o tratamento de doenças à alimentação. A datar do período colonial, o vaqueiro aparece como elemento fundamental para organização da empresa ganadeira, surgindo, no Piauí, uma

ideologia pecuarista" definida pelo enaltecimento da atividade criadora em detrimento do cultivo da terra. Para além disso, a função de vaqueiro aparecia, ao lado do criador ou do homem de fazenda, como um título honorífico, distinguindo-se aquele "[...] a cujo cargo está a administração e economia das fazendas" (Mott, 1985, p. 55).

Dentro da lógica da sociedade pecuarista e escravista, ser vaqueiro foi corriqueiramente compreendido como função de “homem livre” e com possibilidade de ascensão social. Se, por um lado, esses sujeitos logravam a terça ou quarta parte dos bezerros nascidos e firmavam uma relação de confiança com os fazendeiros; por outro, como a maioria dos vaqueiros não detinha a posse da terra e vivia na condição de agregado, mantinha-se dependente dos grandes senhores pecuaristas, colocando em discussão a condição de homem livre e independente atribuída, geralmente, ao vaqueiro do Piauí (Brandão, 2015).

De certo, o gado foi de extrema importância para a economia, a sociedade, a política e a cultura piauiense no transcorrer dos séculos XVII ao XIX. Mesmo a partir da segunda metade do século XIX, com o acentuado declínio da pecuária piauiense frente a economia do extrativismo, a relevância dessa atividade subsiste. Isso esteia a distinção, o respeito social e a idealização do vaqueiro que, historicamente, aparece na literatura como um sujeito de brio social.

Os vaqueiros, a princípio, obtêm a dileção social em razão da economia pecuarista desenvolvida no Piauí. Afinal, ele lidava com a mercadoria de maior valia depois da propriedade da terra, bem como se distinguia dos demais sujeitos por ser visto como homem de confiança do senhor ou até mesmo como sócio menor da empresa pecuarista, configurando ao vaqueiro um valor social inestimável. Para além da importância econômica, como explica Queiroz (2006, p. 22), “[...] no plano social, mais importante que ser vaqueiro era, apenas, ser fazendeiro”.

Vestindo seu terno de couro¹, o vaqueiro traz em suas práticas alguns traços da tradição cultural e familiar, ainda que revele determinadas rupturas com a lida do gado na contemporaneidade. Desde a segunda metade do século XX, registra-se que o vaqueiro não mais necessita de estar na mata, montado a cavalo, passando vários dias recluso à procura do gado, criado solto em grandes extensões de terra como nos séculos anteriores. As propriedades ganadeiras, já há algum tempo, funcionam com uma dinâmica diferente no Piauí.

As terras onde se cria o gado são cercadas e delimitadas. O vaqueiro não necessita percorrer longas distâncias atrás do gado a cavalo. A condução do gado é, comumente hoje, realizada

¹ Roupa utilizada pelos vaqueiros. Recebe o nome de terno por ser o vestuário completo: gibão, chapéu, perneira, chinelo e espora de couro.

com o auxílio da motocicleta e os cuidados com os animais são feitos com a ajuda veterinária e com a vacinação. Outro ponto a ser ressaltado é a comunicação entre esses sujeitos, que foi facilitada pelas novas tecnologias de comunicação e informação (Tapety, 2007).

As transformações fomentadas pelas novas tecnologias no cotidiano do trabalho desses sertanejos com o gado proporcionaram diversas modificações em sua cultura. Porém, ainda se encontra vaqueiros no Piauí que optam por manter a tradição e os símbolos que remetem a práticas ainda coloniais na lida do gado. Na cidade de Elesbão Veloso, localizada ao Sul do Piauí, a cultura tradicional confronta as práticas modernas de manejar o rebanho no sertão piauiense, quer através do uso do gibão, quer através das festas e competições de “pega de boi no mato”, “pega de boi no limpo”, vaquejadas e procissões dos vaqueiros. Por este motivo, é que o presente trabalho tem por interesse analisar as mudanças e as permanências nas práticas dos vaqueiros da cidade de Elesbão Veloso no século XX a partir dos fragmentos de memórias.

De acordo com Freitas (2006, p. 18), a “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Nesse interesse, foram realizadas 4 entrevistas com vaqueiros de Elesbão Veloso, a saber: Cledson Pereira Dantas, Iranildo Moreira da Costa, João de Deus Barreto, Walteir Sousa da Silva. As entrevistas priorizaram a trajetória de vida dos sujeitos sociais no trabalho com o gado a fim de compreender algumas tradições da cultura do vaqueiro em Elesbão Veloso que atravessam o tempo, sendo repassadas de avô para o pai e deste para o filho através das práticas cotidianas do manejo do gado e das memórias.

Ao eleger a História Oral como metodologia, o conceito de memória é crucial para a realização deste trabalho. Assim, adota-se a perspectiva de Halbwachs (1990, p. 5), que aponta o conceito de memória coletiva a partir do entendimento de que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva; e de Pollak (1992, p. 5) ao enfatizar que a memória é seletiva e “[...] é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Ambos ajudam a compreender que a memória é construção, daí é válido salientar que o que se encontra registrado na gravação ou transcrição não é a História, mas sua matéria-prima. Portanto, cabe ao pesquisador problematizar a fonte, questioná-la, criticá-la a

partir de um trabalho metodológico e teórico que possibilitará ao historiador a construção do passado com as informações contidas nas fontes orais.

Nas margens do Coroatá desabrocha Elesbão Veloso ao Sul do Piauí

Instituída em 1954, Elesbão Veloso está situada em uma zona de transição entre o cerrado e a caatinga, no território de desenvolvimento localizado no Vale do Sambito. A cidade desabrocha às margens do riacho Coroatá. Nessas imediações, em 1918, os fazendeiros pecuaristas, Antônio Alves Teixeira, José Alves Monteiro e Alcebíades Nonato da Silva, iniciaram uma feira, a “Feira do Coroatá”, o que contribuiu para que a região sofresse um processo de ocupação e passasse a ser denominada de Coroatá, pertencendo ao município de Valença do Piauí (Teodorio, 2010, p. 47).

O público participante da feira, vivendo na localidade, ampliou-se no decorrer das décadas. Por este motivo, agências arrecadoras estaduais e municipais foram fundadas e um prédio maior foi construído para comportar o crescimento da feira. No ano de 1936, com o apoio de Elesbão de Castro Veloso e Francisco Antônio Junior, a região ganhou alguns incrementos na sua malha urbana, sendo contemplada pelos Correios e pelo serviço telegráfico. Devido à fervorosa participação de algumas pessoas influentes que ambicionavam a emancipação política do povoado, dentre elas Elesbão de Castro Veloso, o povoado Coroatá termina por homenageá-lo, dando nome ao recém-criado município de Elesbão Veloso, em 1954 (Elesbão Veloso, 2023).

Além da feira, é preciso ressaltar que diversos municípios do Piauí foram constituídos a partir do estabelecimento da pecuária bovina. Parte considerável dessas localidades se desenvolveram demográfica e economicamente, conseguindo, com o tempo, sua emancipação política, elevando-se ao *status* de município, especialmente entre o início do século XIX e as primeiras décadas do século XX (Potier, 2012, p. 71).

Tal processo é percebido em Elesbão Veloso. O município dimana das fazendas de gado, onde os proprietários exploraram a oportunidade de vender os seus produtos em uma feira que concentrasse os indivíduos da região, concebendo a vila e em seguida a cidade. No poema de

José Carlos Pereira da Silva, é possível vislumbrar o valor do gado e do vaqueiro para a cidade:

Em Elesbão Veloso
O vaqueiro boiava
O boi mugia,
A gente ouvia,
A gente escutava
Hoje é uma pena
Não há mais esta cena
Só a solidão
(Teodorio, 2010, p. 34).

O poema exterioriza como o gado e o vaqueiro eram presentes na vida cotidiana da cidade, sendo comuns ao dia a dia elesbonense cenas em que esses sujeitos exercitavam as práticas do seu ofício. O vaqueiro ainda se faz presente no município até hoje. Sua participação se manifesta de maneira mais econômica, social e simbólica, através da tradição, da cultura geral e indiretamente pela sua produção agrícola e pecuária, que ainda possui algum grau de importância ao comércio local (Teodorio, 2010).

Campo e cidade são lugares correlacionados. As interações comerciais e culturais, permitem o estabelecimento de uma mecânica social particular e o crescimento econômico das cidades. O campo, mesmo em um recorte mais recente, exerce uma forte influência sobre a cidade (Williams, 1989, p. 11). Nessas cidades, se percebe o predomínio da cultura do sertão, em uma tentativa de encontrar uma identidade e noção de pertencimento (Potier, 2012, p. 71).

O município de Elesbão Veloso é forjado pelo campo e pelas práticas sertanejas, desenvolvendo-se através da agricultura e da pecuária. No decorrer dos anos, conforme a vila ganhava espaço e tomava a condição de cidade, o contingente populacional aumentava no ambiente da urbe e diminuía no campo. Os dados estatísticos do IBGE no ano 2000 apontam que o município comportava 15.002 habitantes, sendo 10.133 pertencentes a zona urbana e 4.869 a região rural (Teodorio, 2010, p. 76). Entretanto, no ano de 2010, a população apresentou um declínio quantitativo. A cidade passou a concentrar 14.499 habitantes, 10.119 residindo na parte urbana e 4.380 na rural (Datasebrae, 2020). O número é ainda menor em 2022, quando a população passou a ser composta por 13.607 habitantes (IBGE, 2023).

Os números inspiram algumas reflexões. Primeiramente, no início do século XXI a cidade apresentou uma tendência, entre os moradores, de transição do campo para a região urbana do

próprio município, expandindo o fluxo humano na urbe. Entretanto, nessa primeira década do novo século, é perceptível um declínio no crescimento demográfico da região. A justificativa para esse declínio, provavelmente, é o início de um processo migratório rumo à capital do Piauí, Teresina, motivada pela busca de mais oportunidades de trabalho, de educação formal e pela busca de uma maior assistência médica.

No ano de 2019, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontou 1.016 matrículas no Ensino Fundamental I e 225 no Ensino Médio, explicitando uma reduzida procura pelo ensino básico na cidade de Elesbão Veloso (Datasebrae, 2020). No tocante à saúde, segundo o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), em 2023, o município possui 16 locais que contemplam a região urbana da cidade e suas regiões interioranas (CNES, 2023). Os dados demonstram que no Ensino Médio, os indivíduos procuram um melhor ensino na capital do Estado, Teresina, ou desistem dos estudos. Quanto à saúde, o número de locais que prestam atendimentos não ampara as pessoas da cidade, sendo essas forçadas em casos específicos a buscarem apoio na capital.

A economia de Elesbão Veloso assiste à modificação das práticas de trabalho do século XX para o XXI. Durante o primeiro período, as atividades se retinham na pecuária e agricultura; no segundo, os ofícios trabalhistas estão voltados para o comércio, serviços e indústria. O Ministério do Trabalho no ano de 2019 identificou 1.031 pessoas com registro trabalhista, dentre os quais, 509 pertenciam à administração pública municipal e 199 ao comércio local. Segundo dados da Receita Federal, havia nesse período 249 comércios e 6 empresas agropecuárias (Datasebrae, 2020).

Os dados estatísticos lançam luz sobre a transição do campo para a cidade, a mudança de um cenário interiorano e sertanejo para um mais urbano, concentrado nas atividades público-administrativas e no comércio. Evidentemente, esse processo não exclui a produção agropecuária e os costumes sertanejos. A urbanização do município é notória a partir dos números apresentados, contudo, a cidade permanece em um ambiente sertanejo, com as manifestações culturais do vaqueiro realizadas na região e a manutenção das feiras que foram responsáveis pela gênese da cidade (Teodorio, 2010).

A produção pecuária mesmo com a urbanização, perdura de maneira substancial, suas principais áreas produtoras estão na pesca (50.000) e na criação de ovina (20.699 cabeças) e do gado (18.421 cabeças) (Datasebrae, 2020). O campo está amalgamado à cidade, por meio

dessas necessidades de fornecimento, mas também pela forte presença da cultura sertaneja tradicional.

A cultura do vaqueiro e sua identidade, diante das transformações tecnológicas e do desenvolvimento urbano, resistem, encontrando seu espaço nessa urbe em festas de vaquejadas e procissões, concentrando um público diversificado: os vaqueiros do campo, os praticantes do “esporte”, e sujeitos que se identificam e encontram nessas representações a sua tradição. Nesse sentido, Stuart Hall (2011, p. 13) aduz que “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

De avô para pai, de pai para filho: a tradição do vaqueiro na cidade de Elesbão Veloso

A cultura do vaqueiro foi forjada pela herança familiar no cotidiano desses sujeitos e na sua tradição. Eric Hobsbawm (2022, p.7 e 8) enuncia que “muitas vezes tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser perdido nas brumas do tempo”.

Alicerçada a essa concepção do historiador, percebe-se a tradição dos vaqueiros, transmitida através das gerações. Esses sujeitos descrevem o *modus vivendi* no qual estão inseridos como algo natural em sua vida, uma espécie de herança cultural e vocacional. Cledson Pereira Dantas², vaqueiro residente no município de Elesbão Veloso, narra suas experiências do ambiente em que cresceu e as aventuras por ele vivenciada:

Desde os 8 ano de idade que eu ando amuntado, minha vida é essa. Eu não sei ler, não sei nada, só sei fazer meu nome. Mas meu esporte é cavalo e gado, eu amo isso daqui.

[...] É desde criança que eu conheci meu pai e meu avô o tempo todo na lida de gado, trabalhando como vaqueiro, minha profissão foi essa, eu inventava de ir pro colégio, eu dizia que tava doente, pro professor me mandar eu ir embora, só pra me voltar muntando no cavalo. A verdade é isso aí.

[...]É por causa de quê é tradição né, de avô de pai, é seguir esse caminho aí, graças a Deus eu sou feliz no que eu faço (Dantas, 2023).

² Cledson Pereira Dantas, nasceu em 27 de maio de 1977 no município de Elesbão Veloso – Piauí. Como o seu pai e avô decidiu seguir a profissão de vaqueiro desde a infância, não concluindo os estudos.

A narrativa de Cledson Pereira Dantas exprime, primeiramente, um aparente contentamento com a condição de ser vaqueiro, em especial quando relata que desde sua infância estava em contato direto com o meio desses vaqueiros, através de seu pai e do seu avô. O vaqueiro prefere a lida com o gado e pretere a escola, exprimindo um certo afeto pela profissão quando menciona: “Mas meu esporte é cavalo e gado, eu amo isso daqui”. O relato clareia a concepção e demonstra a tradição obtida atravessadamente pelos seus antepassados.

O vaqueiro Walteir Sousa da Silva³, também residente em Elesbão Veloso, externa um contraponto a essa tradição. Ao ser questionado sobre a entrada na profissão de vaqueiro, ele narra que teve que confrontar seu pai que, mesmo sendo vaqueiro, não queria que o filho seguisse o caminho do qual tinha trilhado o avô. Walteir Silva se inspira na imagem do avô, também vaqueiro, perseverando no sonho que acreditava:

Eu alcancei meu avô não sendo mais vaqueiro, era dono, morava em uma propriedadezinha, né? E eu toda vida com a vontade de ser vaqueiro. Não tive oportunidade, até porque meu pai não queria, até que eu dobrei meu pai pra ser vaqueiro. Eu era solteiro, comecei a campear eu tinha 20 ano de idade. Aí o papai foi ser vaqueiro em uma fazenda e eu tomei de conta da fazenda. Nós moramos 6 ano nessa fazenda lá; aí, quando meu pai morreu, eu entreguei a fazenda. Eu era solteiro, não tinha como eu ficar na fazenda só (Silva, 2023).

A história recitada por Walteir Sousa da Silva apresenta uma perspectiva onde a tradição, em determinados momentos, não é enxergada com olhares de encanto, mas de uma maneira que contribui com algum grau de ruptura. O pai do vaqueiro não queria que o filho seguisse seus passos em virtude das diversas dificuldades inerentes ao seu ofício, entretanto, Walteir Sousa escolheu trilhar os caminhos da lida com o gado, teimando com o pai.

O passado histórico onde se encontra a tradição não precisa perder-se nas brumas do tempo. Contudo, nesse entremeio, a tradição não se acha nessa névoa, mas, sim, no caminho de novos significados, percepções e identidades. A tradição do vaqueiro transforma-se em identidades plurais, algumas com o intento de preservar a tradição, outras almejando a criação de novas tradições.

³ Walteir Sousa da Silva nasceu em Sobradinho povoado pertencente ao município de São Félix do Piauí. Confrontou o seu pai que não queria que o filho seguisse a profissão de vaqueiro assim como ele, entretanto, sobre a influência do avô, Walteir escolheu ser vaqueiro.

As cicatrizes que admiro, as cicatrizes que causam dor: relatos de coragem dos vaqueiros elesbonenses

Percebe-se uma multiplicidade de identidades desde as lidas, práticas e formas de festejar a cultura do vaqueiro, até as expressões individuais do ser vaqueiro. A identidade do vaqueiro é fabricada em um espaço masculinizado, onde a força e a coragem são características estimadas. A partir dessa dimensão, constitui-se a representação social do vaqueiro como herói do sertão. Porém, a despeito desse estigma, os sujeitos entrevistados para este trabalho, através da exposição de suas memórias, evidenciam as dificuldades e os medos sentidos durante o exercício cotidiano de seu ofício. Albuquerque Júnior. (2013, p. 23) enuncia que:

as experiências e vidas de homens numa região onde ‘ser macho’ é um imperativo podem ser um excelente ponto de partida para fazer a história dos homens, não mais como indivíduos ou partícipes de feitos coletivos, mas como gênero, não a história de homens como agentes do processo histórico, mas como produtos deste mesmo processo, a história de homens construindo-se como tal, a história da produção de subjetividades masculinas, em suas várias formas, a história da multiplicidade de ser homem.

Nas narrativas analisadas, o vaqueiro Cledson Pereira Dantas menciona um momento em que abandonou a corrida de campo e a lida devido a um acidente de trabalho que o afastou por anos da lida com o gado e das pegas de boi, por conta do trauma psicológico oriundo do ocorrido. Nada obstante, ele acaba por retornar à prática de seu ofício, em virtude da forte identificação com aquele *modus vivendi*:

Pra mim, Ave Maria, é bom demais! A alegria que eu tenho é ser vaqueiro. No dia que eu monto no cavalo eu sou o homem mais feliz do mundo. Quebrei meus dois braços, passei três ano sem andar muntado, tava querendo ter um medozim. Mas graças a Deus eu me apeguei com Deus de novo. Rapaz, minha lida é essa, eu não posso abandonar, que é o que eu gosto de fazer, correr gado (Dantas, 2023).

O fragmento de memória de Cledson Pereira Dantas é ilustrativo para se pensar que, a despeito do medo, ele o enfrenta e retorna a fazer aquilo que mais gosta. Denota-se ainda que o vaqueiro, mesmo defronte a esse universo onde a masculinidade é a todo momento exaltada, permite-se expor as feridas e cicatrizes conquistadas e o medo sentido no campear.

Sobre as cicatrizes, o medo e as dificuldades encontradas no cotidiano da prática do vaqueiro, Walteir Sousa da Silva relata que se trata de um trabalho árduo e complexo e que não é para todo mundo. Ser vaqueiro exige daquele que deseja seguir a profissão coragem para enfrentar as intempéries da lida do gado:

E, aí, a vida de ser vaqueiro é difícil. A vida de vaqueiro é difícil, a vida de pegar boi. [...] É porque é o seguinte, não dá pra todo mundo. Todo mundo quer ser vaqueiro, mas nem todo mundo serve pra ser vaqueiro. É porque é difícil. Hoje você acha que é fácil a vida de ser vaqueiro, mas amanhã é difícil. Cê sai de casa de noite, passa o dia sem comer (Silva, 2023).

Nas palavras do vaqueiro Walteir Sousa são perceptíveis algumas de suas dores, quando ele fala da dificuldade que é ser vaqueiro, pegar boi; como o campear e a rotina laboriosa desse sujeito. Assim, é fulcral ter coragem para assumir a responsabilidade de ser vaqueiro, contudo, isso não exclui a abertura de assumir e lidar com essas dificuldades. Essas questões não põem à prova o ideal de masculinidade constituído, mas o desconstrói, revelando-o como plural.

Da pega de boi à vaquejada: a cultura do vaqueiro na cidade de Elesbão Veloso

A cultura do vaqueiro foi atravessada ao longo dos séculos por transformações externas e internas. As mudanças sociais, políticas e econômicas advindas do processo acelerado da globalização e do capitalismo conduziram os sujeitos imersos nessa cultura a enveredarem por novos caminhos. Sucede-se, assim, uma pluralização das representações e identidades; por meio de tal processo globalizante, essa cultura se mantém vivaz, adaptando-se a esse tempo e às metamorfoses dos sujeitos que o experienciam.

A percepção da cultura do vaqueiro se configura em como o indivíduo interage com a realidade que vivencia, originando uma gama de representações, símbolos e identidades. Roger Chartier (2002, p. 73) observa que:

A história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade.

Os vaqueiros exprimem narrativas que concedem, por entre palavras, essas transições na cultura. A vaquejada é percebida por uma nova ótica, sendo um “esporte” praticado por sujeitos com uma condição financeira mais elevada, que se identificam como vaqueiros praticantes dessa modalidade.

A narrativa do vaqueiro Cledson Pereira Dantas evidencia o modo como é vivenciada a cultura dos vaqueiros no município de Elesbão Veloso, esclarecendo o quão essa cultura é importante socialmente e que independe de como é representada. Ele explicita como em um determinado momento essa manifestação cultural esteve resguardada, quase adormecida na cidade, até o surgimento de novas representações:

Aquí pra nós a cultura tá quase praticamente acabada. Mas, pra mim, é uma cultura que não é pra ter acabado nunca, porque a gente vem de filhos, de neto, de avô, pai. Pra mim é uma tradição muito boa. Eu não queria que acabasse não essa cultura.

[...] Eu acho que é falta de apoio dos pessoal que tem mais condição, que nós, classe vaqueiro, é poucos que dá valor. Nós mesmos têm uma equipe de pega de boi direto. Graças a Deus o patrocínio que nós tem é de Deus e de meus amigo que anda mais eu, minha equipe, nós somos sete pessoas, sete vaqueiro.

[...] Não só isso mesmo, que tava assim praticamente esquecido. Teve um tempo aí que disseram que ia acabar por causa das vaquejada. A vaquejada pra mim é um esporte que não devia acabar não, porque é a cultura, porque ela vem do começo, da tradição, do pessoal mais velho e tudo. Desde que eu me entendi no mundo foi vendo vaquejada, pega de boi, era corrida de pareia. Aquí pra nós praticamente acabou corrida de pareia, agora tão fazendo mais é cavalgada pra andar nas rua (Dantas, 2023).

De acordo com Halbwachs (1990), a memória provoca um sentimento de pertencimento ao grupo e a identidade é entendida como sentimento de semelhanças. Mas, também, como deixa claro Pollak (1992), a memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais. No relato de Cledson Pereira Dantas é notório a importância atribuída ao sertanejo à cultura dos vaqueiros, quando esse enuncia: “Mas, pra mim, é uma cultura que não é pra ter acabado nunca, porque a gente vem de filhos, de neto, de avô, pai. Pra mim é uma tradição muito boa. Eu não queria que acabasse não essa cultura.”. O vaqueiro também ressalta a relevância das vaquejadas como parte da tradição e da prática que passar de geração para geração, muitas vezes, através da memória de pai para filho e de avô para neto.

Além disso, Cledson Pereira Dantas destaca outro tipo de representação e prática dos vaqueiros na cidade, a “corrida de pareia⁴” que aos poucos vem sendo substituída pela cavalgada nas ruas da cidade. A cultura do vaqueiro no município de Elesbão Veloso se expressa através das vaquejadas realizadas no parque “Breno Bezerra”, principal local de festas dos vaqueiros na cidade, e por parques de vaquejada menores localizados em bairros e localidades interioranas pertencentes ao município, como o “Clube do Vaqueiro”, propriedade

⁴ Disputa entre 2 a 6 cavalos, geralmente em um espaço de 300 a 500 metros.

de Cledson Pereira Dantas. As práticas também são percebidas em “pegas de boi no limpo⁵” e “pegas de boi no mato⁶”.

Aqui tem o parque “Breno Bezerra”, ali, que faz vaquejada aqui em Elesbão, faz vaquejada. Tem o “Barretim”, ali, que faz pega de boi também, vaquejada. E tem outros parque aí por perto que faz. O “Carlo Broca” faz também pega de boi no limpo.

[...],Tem o parquezím de vaquejada que de vez em quando faz as festa. Duas festa por ano eu faço, a pega de boi no limpo e a vaquejada no final do ano (Dantas, 2023, [sic.]).

A cidade de Elesbão Veloso, segundo os relatos dos vaqueiros, não conta com um suporte da prefeitura ou de uma associação própria para fornecer patrocínios aos eventos realizados. Os vaqueiros da região, do mesmo modo, não dispõem de apoio social e maior fomento cultural, como denuncia Cledson Pereira Dantas:

É assim, é uma fonte de renda por causa de quê eu não tenho. Graças a Deus uma coisa que eu tenho é o patrocínio de Deus e dos meu amigo que me ajuda, tá entendendo? Pra me dar uma rês, me dá um gado, mas pra mim dizer assim que eu tenho patrocínio forte, eu não tenho não. É só dos meu amigo vaqueiro igual a eu (Dantas, 2023).

A narrativa de Cledson Pereira Dantas ajuda a compreender a percepção dos vaqueiros sobre a falta de apoio financeiro e de estímulo para manutenção das festividades culturais realizadas, por parte dos órgãos públicos e de entes privados. Da mesma forma, pode-se notar certo ressentimento no fragmento de memória, considerando que o trecho em destaque aponta para a necessidade do olhar do poder público para os sujeitos que se encontram à margem e não recebem destes incentivos para a manutenção da cultura da vaquejada na região de Elesbão Veloso. Apesar disso, como afirma Cledson Dantas, os vaqueiros encontram arrimo em amigos de profissão e praticam a pega do boi.

No que compete às representações e expressões religiosas no município de Elesbão Veloso em torno do vaqueiro, a missa do vaqueiro ocorre anualmente durante a comemoração dos festejos em homenagem à padroeira da cidade, Santa Teresinha, acompanhada da cavalgada pelas ruas. Quando acontece as “pegas de boi”, a iniciativa parte dos próprios vaqueiros em convidar o padre para celebrar a missa no local do evento:

⁵ Prática que consiste em pegar o animal dentro de um espaço limitado.

⁶ Prática que consiste em pegar o animal em um espaço aberto, adentrando a vegetação. Se assemelha a forma como era realizado nos séculos XVII ao XIX.

Que a gente contrata por a gente mermo, a gente chama o padre. Ontem mermo nois fomo numa pega de boi ali ontem no “Sapequeiro”, aí, o padre tava lá celebrando uma missa. Eu gostei, foi muito bonito. A minha mermo aqui também no dia 15 com fé em Deus, já falei com ele que eu vou trazer, aqui no Parque Sambaiba, no Clube do Vaqueiro (Dantas, 2023).

A religiosidade no meio dos vaqueiros é forte. Os ritos realizados antes de uma “pega de boi” são comuns e reúnem todos os vaqueiros presentes. As rezas do “pai nosso” e “ave maria” estão presentes no cotidiano desses sertanejos. A fé no ambiente sertanejo é frequente e latente, onde esses vaqueiros agradecem constantemente a Deus pela oportunidade de estarem campeando.

Tendo como referência Pesavento (2005, p. 57), observa-se que “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida”.

A cultura do vaqueiro, a despeito de sentir as vicissitudes do tempo, faz-se presente, permitindo brotar novas práticas, representações e identidades em Elesbão Veloso.

Considerações finais

As fazendas de gado tiveram um importante papel na constituição do Piauí. Os vaqueiros, uma das peças fundamentais para o funcionamento dessa empreitada, conquistaram significativa relevância social e cultural. A cidade de Elesbão Veloso, assim como outros municípios do Estado, ascende a partir das feiras organizadas pelos fazendeiros da região.

A realidade do município se transfigurou com o correr dos anos, com a população se concentrando no meio urbano. No entanto, as atividades rurais não foram postas de lado. Essas práticas se fazem perceber em Elesbão Veloso, por meio das feiras ainda realizadas, das manifestações culturais cotidianas, das festas e das memórias, responsável pela passagem das tradições entre gerações (Halbwachs, 1990).

As manifestações culturais não circundam apenas um, mas, sim, uma gama de cenários. O vaqueiro do campo se vê diante do vaqueiro que corre a vaquejada, onde a lida coexiste com

as novas formas de representação cultural, com as festas, “pegas de boi no limpo”, “pegas de boi no mato” e vaquejadas, que são realizadas dentro de um espaço delimitado.

Do período colonial à contemporaneidade, o cotidiano do vaqueiro e a sua cultura se transformaram, configurando novas realidades, representações e identidades. Atravessados pela globalização, pelo capitalismo e a chegada de novas tecnologias, o vaqueiro do final do século XX e do começo do século XXI enfrentam as expressões plurais de sua cultura. A masculinidade, característica desse sertanejo, não se exclui, porém, movimenta-se diante de outros contextos. Os sujeitos se permitem a transparecer as dores e os sabores do cotidiano árduo. Mesmo diante dessas metamorfoses, preserva-se a importância do “ser vaqueiro” nas memórias, nas práticas, nas tradições e na valorização social da profissão, sendo o vaqueiro uma inestimável figura da cultura elesbonense, piauiense, sertaneja e nordestina.

Referências

ELESBÃO VELOSO. **Cidade de Elesbão Veloso**. Disponível em:

<https://elesbaoveloso.pi.gov.br/a-cidade-de-elesbao-veloso/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz. **Nordestino: invenção do “falo”**: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí**: perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: EDUFPI, 2015.

BARRETO, João de Deus. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso, PI, 2023.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

CNES. **Dados da Secretaria de Atenção a Saúde**: Brasília: Ministério da Saúde, 2023
Disponível:

https://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=02682675000193&VEstado=22&V

[Nome=SMS%20E%20MEIO%20AMBIENTE%20DE%20ELESBAO%20VELOSO](#). Acesso em: 03 ago. 2023.

COSTA, Iranildo Moreira. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso, PI, 2023.

DATASEBRAE. **Perfil municipal de Elesbão Veloso**. Unidade de Políticas Públicas e Desenvolvimento Territorial. 2020. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/municipios/pi/Elesb%C3%A3o%20Veloso.pdf> . Acesso em: 03 ago. 2023.

DANTAS, Cledson Pereira. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso, PI, 2023

DIAS, Claudete Maria Miranda. Povoamento e despovoamento: da pré-história à sociedade escravista colonial. In: **Revista FUNDAMENTOS**. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2006. v. 4, p. 417-429.

IBGE. Anuário Estatístico do Brasil - 2010. Piauí: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/elesbao-veloso/panorama>. Acesso em: 03 ago. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Venice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. (org.). Trad. Celina Cardim Cavalcante. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

MOTT, Luís R. B. **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940). 2012, 175f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo. 3. ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006.

SILVA, Walteir Sousa da. **Entrevista concedida a Maria Helena Alves Ferreira**. Elesbão Veloso, PI, 2023.

TAPETY, Audrey Freitas. **O vaqueiro no Piauí**: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). 2007, 107f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

TEODORIO, Rogério Júnior. **“A gente leva o dinheiro, mas fica o couro”**: migração temporária de camponeses para o trabalho no corte de cana, adoecimento, morte, e Políticas de proteção social: o caso de Elesbão Veloso-PI. 2010, 277f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Campo e cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Recebido em 2023-10-11

Aprovado em 2023-12-04

Publicado em 2023- 12 - 30